

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO EM REDE E DO NÃO-CLÍNICO PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Giovani Florencio - UFF

Carlos Augusto Silva Silveira - UFF

Cecí Pereira Pinto Junqueira - UFF

Larissa Ester Tavares dos Santos - UFF

Maria Eduarda Guedes Thuler - UFF

Paula Raissa de Oliveira Silva - UFF

Vitória Baptista Gago da Silva - UFF

Daniel Maribondo - UFF

O presente trabalho surge a partir da experiência junto ao projeto de estágio supervisionado Clínica em Esquizoanálise no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), enquanto componente curricular do Curso de Graduação em Psicologia do Campus Universitário de Rio das Ostras (CURO). A proposta é problematizar o lugar do psicólogo na promoção da saúde mental, apostando na descentralização do seu papel, na atuação em rede e na visibilização da dimensão clínica no que é, tradicionalmente, considerado não-clínico. O projeto de estágio é concebido e se desenvolve em um território atravessado por dinâmicas próprias de um município do interior. Implementado a partir de maio de 2023, configura-se como o primeiro estágio com atuação clínica ambulatorial em Esquizoanálise no curso. Seu objetivo é estabelecer um campo para exercício da clínica psicológica norteada pelo paradigma ético-estético-político da Esquizoanálise, articulado às diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP) para a Atenção secundária em Saúde. Considerando o estagiário como analista, o fio condutor do trabalho consiste em dar passagem, juntamente ao analisando, para a produção de desvios e cortes do que está estabelecido, instituído como “eu”. Desta maneira, é necessário, ao analista, construir um corpo não enrijecido, tampouco neutro, que é afetado na medida em que afeta. A produção de desvio, portanto, se dá tanto no analista quanto no analisando. Por vezes, o analista parte de posicionamentos desviantes da própria psicologia aprendida no decorrer da graduação. Percebemos que, na prática, é preciso inventar e ser inventado em conjunto, a partir da singularidade dos corpos do analista e do analisando. Nesse sentido, os fluxos que moldam analista e analisando passam por diferentes práticas profissionais - análise,

acolhimento, encaminhamentos, a construção de rede - e também por outras vias, ou seja, experimentações de vida que não entram necessariamente no que convencionou-se chamar de clínica, a parte do cuidado que não foi institucionalizado pelos saberes psi tradicionalmente. Isto posto, considerando o SPA/CURO/UFF um dispositivo de clínica-escola com oferta de atendimento especializado em saúde mental, o projeto aposta na forja, enquanto coletivo-equipe de estágio, de um corpo sensível e potente em relação à vida e ao manejo no cotidiano de serviços de saúde, tendo como prerrogativa uma visão multifacetada dos processos de saúde, principalmente entendendo que o cuidado não se restringe ao que está posto como clínica. No que tange à atuação em rede, se inicia na inserção do projeto na Rede de Atenção Psicossocial, recebendo encaminhamentos do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) adulto cuja avaliação é de cuidado na atenção secundária em saúde mental. Essa articulação com o CAPS é uma prerrogativa da equipe, fruto de uma escolha ético-política de inserir-se na rede pública de saúde, a fim de fortalecer a dimensão coletiva do cuidado, o que também contribui para a descentralização da figura do psicólogo e do seu atendimento na produção de cuidado em saúde mental. Tal descentralização é por nós compreendida partindo do pressuposto de que a pessoa atendida não terá apenas o atendimento ambulatorial, oferecido por nós do SPA como agente principal na promoção de saúde. Trata-se de uma forma de desindividualizar a responsabilidade da equipe para com os assistidos, de modo a garantir uma coletividade no cuidado, visando uma ampliação e multiplicidade nos caminhos de atenção. Dessa forma, o analisando passa a não depender somente de uma pessoa ou equipe profissional, ampliando e fortalecendo sua própria rede socioafetiva de cuidado, apostando no estabelecimento de uma múltipla referência. Uma das funções desse modo de atuação é a compreensão da ação em rede como componente da formação. Além disso, também se constitui como uma escolha clínica, ao passo que criar redes de cuidado é produzir saúde. Subjetividade é corpo, portanto, o cuidado na complexidade de tais processos faz parte dessa promoção de saúde mental e física. Ou seja, um cuidado não exclui o outro, pelo contrário, são partes conjuntas de uma mesma composição subjetiva. Diante disso, nossa rotina flui com encontros de supervisão e atendimentos aos pacientes, ambos semanais. Dentre as atividades coletivas, além de discussão de casos e devidos direcionamentos, destaca-se o tempo para o grupo de estudos, em que são reafirmados os compromissos ético-políticos a partir de produções teóricas, diretrizes técnicas e normativas da profissão e da área. Na discussão de casos, oportuniza-se a análise das implicações dos próprios analistas, isto é, afetos, pertencimentos e determinantes na construção dos processos. Tal trabalho se sustenta no princípio de não haver um lugar passivo, tampouco neutro, para habitar a posição

de analistas. Outra importante prática do projeto é a elaboração do Plano Terapêutico Singular, ferramenta norteadora para traçar demandas, objetivos de análise, considerando as determinantes que compõem os pacientes, colocando, ali, o que está em jogo para a manutenção de sua saúde. Desse modo, o que se experimenta coletivamente no corpo da equipe, fortalece e descobre, junto aos analisandos, o que ainda não foi ocupado desse território que os atravessa e que se mostra potente. Com isso, evidencia-se como os dispositivos da rede de saúde local possibilitam ferramentas e recursos para a afirmação dessas vidas, dando visibilidade à dimensão clínica do que não é concebido, usualmente, como não-clínico. Sendo assim, a partir da tessitura de um plano possível, se produz o desvio, compreendendo este como autonomia e promoção de saúde. Da mesma forma, produz-se um desvio no corpo do analista-estagiário, deslocando-os de uma posição hegemônica do saber e distribuindo nas redes do usuário as responsabilidades e o suposto protagonismo colocado sobre a psicologia.

Palavras-chave: estágio em Psicologia; esquizoanálise; rede.

Eixo Transversal: Práticas clínicas nas suas diversas manifestações